

Os chistes, o humor e algumas relações com os mecanismos dos sonhos.¹

ANELISE SCHEUER RABUSKE²

Freud discute pela primeira vez a respeito das formas de comicidade em 1905, na obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. O assunto é trazido novamente à tona mais de vinte anos depois, no texto *O humor* (1927), produzido pelo autor para ser a abertura do X Congresso Psicanalítico Internacional que ocorre em Innsbruck.

Em princípio, Freud diferencia os chistes do humor. De acordo com Ribeiro (2008), Freud diferencia-os inclusive quanto as suas origens no Inconsciente:

O chiste é construído por uma idéia recalcada no Inconsciente, que sob certa pressão, força passagem surgindo pronto na Consciência. É uma formação do Inconsciente, assim como os sonhos, os atos falhos e os sintomas. (...) Já o humor tem sua origem no Pré-consciente, por atuação do Superego, na evitação de um sentimento doloroso iminente. Não tem a mesma explosão de prazer e riso encontrados no chiste, porém é mais sublime e enobrecedor. Ambos estão a serviço do princípio do prazer, mas de formas diferentes, e é bem verdade que o estudo do humor tem suas raízes nos chistes (p.106-107).

A palavra *chiste*, oriunda do alemão *Witz*, significa “gracejo”, e é encontrada na obra de Freud, que o define como uma espécie de válvula de escape de nosso inconsciente, utilizado para dizer, em tom de brincadeira, aquilo que verdadeiramente se deseja. Isto é possibilitado pelo chiste ao conectar arbitrariamente, duas idéias contrárias, através de uma associação verbal. Ocorre-me a lembrança de uma piada que traz a seguinte situação: *Dois grandes amigos, parceiros de jogos de futebol nos finais de semana, por tanto se gostarem, resolvem fazer uma promessa – aquele que morrer primeiro deve voltar para visitar o outro e contar se no céu é possível jogar futebol, tanto era o apego de ambos pelo esporte. Acontece que certo dia, um deles morre em um acidente. O outro fica muito triste e espera ansiosamente o momento em que o falecido retorne para contar como é no céu e se lá se joga futebol. Num sábado à noite, acontece o esperado: aquele que morreu retorna em uma visão para o amigo e diz: Cara, lá no céu é muito legal!!! Jogamos futebol todos os dias, é uma beleza. Amanhã terá uma partida super importante, só com os melhores, vai ser um jogo e vim aqui para te comunicar que tu fostes convocado para a posição de centroavante....*

Entre outras possibilidades, podemos pensar nesse chiste como uma forma de brincar com a realidade da morte e a angústia que a mesma provoca no sujeito humano. Também, o quanto ser “um dos melhores” pode ser insignificante ou mesmo arriscado...

¹ Artigo apresentado na Jornada de Estudos do Circulo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – 16 de julho de 2011. Orientado por Cleo Mallmann e Rejane Czermak.

² Psicóloga, Mestre em Educação.

Quando pensamos na construção dos chistes, podemos costurar algumas similaridades com os mecanismos utilizados no processo de elaboração onírica apresentado por Freud, por volta de 1900.

A formação de um sonho, segundo Freud (1915), ocorre porque “existe algo que não quer conceder paz à mente (...). Um sonho pois, é a maneira como a mente reage aos estímulos que a atingem no estado de sono” (p.95). Alguns dos estímulos dos quais Freud fala podem ser restos diurnos, sensações fisiológicas. Outros estímulos podem ser os pensamentos ocultos, inconscientes, formados por desejos antigos, recalcados pela censura do Superego – configurando-se como o texto original do sonho.

Em outras palavras, os sonhos são expressão de um pensamento inconsciente, um desejo. Tais desejos inconscientes funcionam como o combustível dos sonhos que, associados a desejos e vivências mais atuais (restos diurnos) encontram as condições necessárias para a sua emergência. O sonho é uma tentativa alucinatória de realização de um desejo.

O sonho consciente (manifesto), ou seja, aquilo que conseguimos contar a respeito do que sonhamos, é mais ou menos como um filme, repleto de figuras de linguagem, de simbolismos, utilizadas pelo nosso inconsciente para tornar possível a passagem do sonho pela censura. O conteúdo latente do sonho, o que lhe dá origem, aparece deformado, produzindo no sonhador sensação de estranheza e ininteligibilidade.

A deformação onírica ocorre por influencia da censura, que possui um papel fundamental na formação onírica, omitindo, modificando, reagrupando os materiais originários nos sonhos. Mas o que é a censura?

De acordo com Laplanche e Pontalis, a censura é a “função que tende a interditar aos desejos inconscientes e às formações que deles derivam, o acesso ao sistema pré-consciente-consciente (2001, p.64)”. Para realizar tal interdito, a censura se utiliza de mecanismos que disfarçam/transfiguram os desejos inconscientes, protegendo o ego de uma sobrecarga de angústia. Quando a censura não consegue cumprir seu papel adequadamente, aparecem os pesadelos e os sentimentos de angústia que os acompanham.

Para Freud, o chiste é “a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (FREUD, 1905). Desse modo, o chiste pode criticar tudo em poucas palavras, utilizando-se de técnicas como a abreviação, o uso múltiplo do mesmo material e o jogo de palavras ou o duplo sentido. Freud explica no artigo *A técnica dos chistes*, que o jogo de palavras é uma forma de condensação e o uso múltiplo de um mesmo material é um caso especial de condensação. Assim, todas essas técnicas obedecem ao princípio da economia onde “economizamos na expressão da crítica ou na formalização do juízo” (idem, ibidem).

Os mecanismos anteriormente citados são a condensação, o deslocamento, a simbolização, a dramatização e a elaboração secundária. Atuam a serviço da censura, não somente nos sonhos, como também nos atos falhos, sintomas e chistes.

É interessante entendermos como a condensação e o deslocamento produzem efeitos na produção onírica.

Ao falar sobre o mecanismo da condensação, refere Freud (1916):

Entendemos, com isso, que o sonho manifesto possui um conteúdo menor do que o latente, e é deste uma tradução abreviada, portanto. Às vezes a condensação pode estar ausente; via de regra se faz presente e, muitíssimas vezes, é enorme. Jamais ocorre uma mudança em sentido inverso; ou seja, nunca encontramos um sonho manifesto com extensão ou com conteúdo maior do que o sonho latente. A condensação se realiza das seguintes maneiras: (1) determinados elementos latentes são totalmente omitidos, (2) apenas um fragmento de alguns complexos do sonho latente transparece no sonho manifesto e (3) determinados elementos latentes, que tem algo em comum, se combinam e se fundem em uma só unidade no sonho manifesto. (...) a elaboração onírica, (...) procura condensar dois pensamentos diferentes buscando (como um chiste) uma palavra ambígua, na qual dois pensamentos se possam juntar (p.172-173).

Em outras palavras, podemos dizer que a condensação faz com quem um personagem do sonho esteja referindo-se a três ou quatro personagens significativos da infância do sonhador.

Já no caso do deslocamento, Freud (1916) postula:

Manifesta-se de duas maneiras: na primeira, um elemento latente é substituído não por uma parte componente de si mesmo, mas por alguma coisa mais remota, isto é, por uma alusão; e, na segunda, o acento psíquico é mudado de um elemento importante para outros sem importância, de forma que o sonho parece descentrado e estranho (p.174-175).

No caso da substituição por uma alusão, este processo também ocorre nos chistes, sendo a alusão facilmente compreensível e o substituto estando de algum modo, relacionado com a coisa que representa originalmente. Pode não estar diretamente relacionado, mas semelhanças de sons, palavras ambíguas, podem compor essa alusão que desloca o sentido.

Em suma, a partir de Freud e de seus estudos acerca dos sonhos, é possível compreender que os chistes e o modo como os mesmos se estruturam apresentam semelhanças com os mecanismos oníricos. Já no caso do humor, isso não ocorre.

Ribeiro (2008) discute a esse respeito:

Ter humor é diferente de ser chistoso e de ser um piadista. Este último, com suas piadas, nos convida ao gozo e ao prazer pelo riso que provoca. Ele exerce uma sedução quase de graça, mas não o é inteiramente, por que tem como retorno seu eu inflado. Sendo um catalisador do gozo do outro, isto lhe confere prestígio, equilibrando suas forças psíquicas quanto ao narcisismo e a necessidade de reconhecimento. Geralmente, não aceita ter falhas e muito menos, ser confrontado. O uso excessivo da piada e do chiste, socialmente, pode ser uma máscara para uma personalidade instável, porque se quer acreditar onipotente. (...). Enquanto no humor certa quantidade de energia é retirada do eu e transferida para o superego, formando o dito humorístico, no chiste é o eu que é superinvestido pela pressão de conteúdos

vindos do inconsciente, produzindo o dito chistoso, numa formação do inconsciente. Em ambos, há a primazia do princípio do prazer, mas tem objetivos diferentes. No primeiro, a intenção é evitar o sentimento doloroso nascente; no segundo, é a busca do prazer na liberação da pressão causada pelo recalque (p.111).

No caso do humor, poderíamos dizer que ser humorado (já que dizer “bem-humorado” seria uma redundância, segundo Ribeiro), é sinônimo de conseguir fazer limonada dos limões, rir de si mesmo, tornar cômico aquilo que pode ser vivenciado, em alguns momentos, como trágico em nossas vidas.

Pensando na prática analítica, talvez o movimento a ser feito também possa envolver a comicidade. Isso não quer dizer que se possa fazer da análise um movimento “engraçado”, onde analista e analisando assim o sejam. Pode-se quem sabe, de acordo com Ribeiro (2008), fazer uso do humor enquanto possibilidade de interpretação. Para ela, o humor “é a habilidade que o homem, potencialmente, tem, mas só alguns conseguem transformar o drama individual no simples trágico existencial, salvando-se pelo humor; uma constatação de que nada foi sério fora dos nossos campos imaginário e simbólico” (p.109). E sinaliza:

Os analisandos que, durante o percurso analítico, conseguem ter atitudes mais amenas, ternas e afetuosas consigo mesmos, que conseguem rir dos próprios tropeços, sem dúvida, caminharão no sentido de se afastarem da fatalidade na qual se encontram. (...) O humor abre a possibilidade de as defesas se deslocarem e mudarem de posição e de lugar. Há um esvaziamento do estilo dramático da narrativa do paciente que neste momento se depara com a inutilidade do gozo que, até então, manteve o sujeito preso ao seu drama (RIBEIRO, 2008, p. 109-110).

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREUD, S. *O humor* (1927). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI.
- FREUD, S. *Sonhos* (1915-1916). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XV.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RIBEIRO, Maria Mazzarelo. *Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!* Circulo Brasileiro de Psicanálise. Revista Estudos de Psicanálise, nº 31 – outubro/2008 , p. 104-113.